



Olhando a vida pela janela: a imagética do espaço em “The Story of an Hour”, de Kate Chopin

Rosemary Elza FINATTI ¹

 <https://orcid.org/0000-0002-0605-4013>

Resumo

Partindo-se da percepção da imagética do espaço, este artigo analisa o conto “The Story of an Hour”, de Kate Chopin, problematizando, por sua vez, como o cenário se articula ao enredo para delinear a epifania da narrativa, que ocorre a partir da imagem da primavera como metáfora de renovação para a heroína, diante da condição de viúva. Delineando o espaço da mulher restrito às limitações do espaço doméstico e às obrigações do casamento, a tessitura do conto revela-se como uma estratégia de crítica social à condição feminina no contexto *fin de siècle*. Para tanto, a análise será norteadada pelas considerações de Gaston de Bachelard, Jean Chevalier, Alain Gheerbrant, Victor Chklovski, Jacques Aumont e Martine Joly a respeito das imagens simbólicas do espaço, bem como por autores que embasam a contística chopiniana.

Palavras-chave: Kate Chopin; “The Story of an Hour”; Espaço.

Looking at life through the window: the imagery of space in "The Story of an Hour", by Kate Chopin

Abstract: Starting from the perception of the imagery of space, this article analyzes the short story "The Story of an Hour", by Kate Chopin, problematizing, in turn, how the scenario is articulated to the plot to outline the epiphany of the narrative, which occurs from the image of spring as a metaphor of renewal for the heroine, facing the condition of widow which occurs from the image of spring as a metaphor of renewal for the heroine, facing the condition of widow. Delineating the woman's space restricted to the limitations of the domestic space and the obligations of marriage, the composition of the short story reveals itself as a strategy of social criticism of the feminine condition in the *fin de siècle* context. For this purpose, the analysis will be guided by the considerations of Gaston de Bachelard, Jean Chevalier, Alain Gheerbrant, Victor Chklovski, Jacques Aumont and Martine Joly regarding the symbolic images of space, as well as by authors who support the Chopinian stories.

Keywords: Kate Chopin; “The Story of an Hour”; Space.

¹ Doutoranda em Estudos Literários, Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho, Araraquara-SP, Brasil.
E-mail: rosefinatti@gmail.com

Introdução

Kate Chopin (1850-1904), importante representante da estética realista americana do século XIX, encontrou na arte literária um caminho de superação, de autonomia financeira e de expressividade crítica. Diante da viuvez precoce e da necessidade de sustentar sozinha os seis filhos, a escritora começou a escrever poemas, traduções, contos e ensaios críticos para os jornais de Saint Louis, sua cidade natal e, posteriormente, suas obras alcançaram revistas americanas de prestígio. É notável a predileção de Chopin pelas narrativas curtas, sobretudo por ter escrito mais de cem contos entre os anos de 1894 a 1900 que integram três obras, duas das quais foram publicadas em vida. Sua terceira coletânea de contos intitulada *A Vocation and a Voice* foi publicada postumamente por Emily Toth, em 1991.

A autora é reconhecida pela atuação *avant la lettre* na tradição literária norte-americana, graças ao viés universal de sua rica produção contística (MOSCOVICH, 2011, p. 157), sobretudo por abordar temáticas transgressoras como o preconceito racial, o divórcio e a emancipação feminina. Nesse sentido, Chopin destaca-se “como parte de uma geração de escritores que surge nos Estados Unidos, na segunda metade do século XIX, preocupados em retratar a personalidade humana, a vida cotidiana e a sociedade da época de maneira objetiva” (VIÉGAS-FARIA, 2011, p. 17). Ao tematizar em suas obras questões relevantes sobre o universo feminino de uma forma crítica e inovadora para a época, por meio de personagens que buscam a autoafirmação e questionam as estruturas sociais, a escritora foi consagrada pela crítica como uma das precursoras da segunda onda do movimento feminista estadunidense.

O efeito poético em “The Story of an Hour”: brevidade e intensidade

Publicado pela primeira vez em 19 de abril de 1894, na revista *Vogue*, e republicado em *A Vocation and a Voice*, em 1991, “The Story of an Hour” é um dos contos mais conhecidos e emblemáticos de Chopin. O narrador tece a trama apresentando de antemão o problema cardíaco de Louise Mallard e a dificuldade de sua irmã Josephine em lhe dar a notícia da morte do esposo, em um acidente de trem. Diante de tal tragédia, a heroína dirige-se, aos prantos, para o quarto. Ao perceber o



surgimento da primavera e a movimentação da rua pela janela, Louise começa a imaginar como a viuvez transformaria completamente a sua vida. Sob esse prisma, as imagens do cenário despertam a epifania da protagonista. Tomada por uma súbita e efusiva alegria, ela percebe que, embora amasse o marido, a sensação de tornar-se livre lhe provoca uma felicidade nunca experimentada durante o casamento. Para acalmar a irmã, que estava preocupada com sua reação e com seu estado de saúde, Louise sai do quarto no exato momento em que seu marido entra pela porta da sala. Ele estivera longe do acidente. E a surpresa estupefacente provocada pela visão de Brently Mallard vivo provoca a morte da heroína.

A partir da premissa de que “o que caracteriza o conto é o seu movimento enquanto narrativa” (GOTLIB, 2006, p. 29), “The Story of an Hour” pode ser classificado como um conto de enredo¹, que é determinado pela diferença entre as situações inicial e final da narrativa, que são ordenadas por uma causalidade interna, cuja diferença entre as ocorrências da história ocorre no encadeamento do desenlace, ou seja, de um efeito mediante uma causa. O conto de enredo nasce sob o signo estilístico do realismo (Cf. NOGUEIRA GALVÃO, 1982, p. 169) e tem como peculiaridade as transformações na trama textual, que promovem a ruptura na linearidade da narrativa. Sob essa perspectiva, o conto objeto desta análise apresenta dois movimentos da mesma história e o enredo é marcado por uma intensidade ímpar na mudança dos acontecimentos que, nos termos de Julio Cortázar, “consiste na eliminação de todas as ideias ou situações intermédias, de todos os recheios ou fases de transição que o romance permite, e mesmo exige” (CORTÁZAR, 1993, p. 157). Desse modo, as instâncias temporais e espaciais da narrativa convergem para a intensidade da ação, que se desenvolve na duração de uma hora, como evidencia o título, e por meio de uma breve extensão de páginas. Nesse sentido, o conto alcança o grau máximo de efeito poético aos moldes dos pressupostos de Edgar Allan Poe em *A filosofia da composição* (1846), pois “a brevidade deve estar na razão direta da intensidade do efeito pretendido” (POE, 2001, p. 913). Tal efeito se constrói por meio de uma seqüência de peripécias, ou seja, pela “reviravolta das ações em sentido contrário” (ARISTÓTELES; HORÁCIO; LONGINO, 1990, p. 30). Dessa forma, a mudança repentina dos acontecimentos promove a reversão do destino da protagonista, que, por

¹ A definição de conto de enredo que aqui se apresenta é parte da explanação das aulas da disciplina Procedimentos narrativos e discursivos do conto, do programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, ministradas no segundo semestre de 2020 pelo Prof. Dr. Luiz Gonzaga Marchezan, na FCLAr – UNESP.



efêmeros instantes, experimenta um sopro de vida com a chegada da primavera, sopro que se apaga diante do findar de seus sonhos de liberdade. Nesse ínterim, os episódios narrativos são enviesados por um jogo antitético entre vida e morte, uma vez que, diante da morte do marido, novas possibilidades de autorrealização se relevam para ela, ao passo que a imagem do marido vivo, como símbolo da opressão e limitação da mulher no universo patriarcal, figura como a morte metafórica de suas novas aspirações de emancipação que provoca, por sua vez, o seu próprio fim.

Imagens da primavera: liberdade e renovação

A ambientação da cena que ocorre no quarto de Louise Mallard engendra as transformações do enredo. É neste espaço carregado de nuances simbólicas que ela observa, através da janela, a paisagem da primavera, que evoca a ideia de renascimento, pois “pela janela aberta, é nos dado ver também as imagens e os sons que prenunciam o sentimento de libertação que está por vir” (THEOBALD, 2011, p. 198). A partir da premissa de que

a imagem (ou a metáfora) pode ser também um processo de expressão extremamente rico, inesperado, criativo e mesmo cognitivo, uma vez que a comparação de dois termos (explícita e implícita) estimula a imaginação e a descoberta de insuspeitos comuns entre eles (JOLY, 2007, p. 23).

Pode-se conjecturar que a construção imagética do cenário é o *leitmotiv* da epifania de Louise, em que cada elemento da cena descrita pelo narrador apresenta uma relevância significativa ao enredo, sobretudo pela ambientação externa do quarto para a qual a heroína dirige seu olhar:

Enxergou, na praça em frente à sua casa, as copas das árvores que estremeciam com a renovação da primavera. Havia no ar um cheiro gostoso de chuva. Na rua abaixo, um mascate anunciava aos gritos suas mercadorias. Alguém cantava, e as notas distantes da canção alcançavam-na vagamente, e incontáveis pardais gorjeavam no beiral do telhado (CHOPIN, 2011, p. 80).

Assim, a renovação que se apresenta com o surgimento de uma nova estação da cena carrega elementos simbólicos de movimentação como o vento sobre as árvores, a presença de pássaros como um símbolo de liberdade, a aproximação da chuva que alude “à vida que nasce” (Cf. CHEVALIER; GHEERBRAND, 2020, p. 941), renunciando, assim, a transformação em oposição à ideia de passividade da mulher



restrita ao espaço doméstico e as limitações impostas pelo casamento e pela maternidade. Tais símbolos revelam, por sua vez, a emancipação para a Sra. Mallard, bem como a possibilidade de romper as barreiras limitantes da condição feminina na cultura *fin de siècle*. Considerando que “o objetivo da imagem, representa a transferência de um objeto de sua percepção habitual para uma esfera de nova percepção” (CHKLÓVSKI, 1973, p. 43), a presença da primavera e a descrição dos detalhes da vida urbana, como um espaço amplo e aberto da natureza, da rua e da imensidão do céu, evocam a liberdade na acepção plena do termo, visto que Louise vislumbra a possibilidade de ocupar o espaço público, a autonomia para fazer suas próprias escolhas e, sobretudo, a oportunidade de tornar-se sujeito de sua própria história. Desse modo, é a partir da visão panorâmica da janela que “a casa entabula um comércio de imensidão com o mundo. Também a casa dos homens se abre para o mundo” (BACHELARD, 2003, p. 241).

Com efeito, a consciência da liberdade é o tema fulcral do conto, que é tecida na trama textual de uma forma personificada e tangível que vem ao encontro da Sra. Mallard, como pode ser constatado no excerto a seguir:

Havia algo vindo em sua direção e ela esperava por aquilo, temerosa. O que era? Ela não sabia; era muito sutil e indefinível para nomear. Mas ela podia sentir aquilo saindo do céu de um modo arrastado, aproximando-se dela pelos sons, pelos cheiros, pela cor... [...] Ela não parou para se perguntar se era alegria monstruosa ou não era, aquilo que a possuiu. Uma percepção clara e exaltada permitiu-lhe descartar a sugestão como insignificante (CHOPIN, 2011, p. 80-81).

A cena epifânica descreve a nova condição de mulher livre como um momento de iluminação para a protagonista, como uma descoberta que permaneceu oculta por toda a vida até o momento da revelação, em que ocorre uma subversão da imagem feminina construída pela ideologia da cultura judaico-cristã, que se respalda nos preceitos patriarcais. Ao repetir para si mesma a palavra “livre”, Louise tem a plena convicção de que

o *eu* feminino está livre. Uma mistura de euforia e disforia, de felicidade e medo pelo despertar após séculos de clausura. Enfim, é a vida que irrompe com toda força resultante da morte do marido (ROSSI, 2007, p. 3, grifos do autor).



Dessa forma, ocorre a revelação de "seu senso de liberdade pessoal e espiritual em um mundo novo"² (PAPKE, 1996, p. 133, tradução nossa), pois, pela primeira vez após o casamento, a heroína vislumbra a autonomia para tomar as próprias decisões, sentindo-se “– Livre! Corpo e alma livres” (CHOPIN, 2011, p. 81), visto que “as imagens engendram palavras que engendram imagens, num movimento sem fim” (JOLY, 2007, p. 142). Sob essa perspectiva,

a imagem é sempre modelada por estruturas profundas, ligadas ao exercício de uma linguagem, assim como à vinculação a uma organização simbólica (a uma cultura, a uma sociedade); mas a imagem é também um meio de comunicação e de representação do mundo, que tem seu lugar em todas as sociedades humanas (AUMONT, 2002, p. 131).

Ao repetir para si mesma que a viuvez lhe proporcionara a sensação de tornar-se livre de corpo e alma, tal expressão revela que a protagonista se recusa a “contentar-se serenamente com uma vida apenas parcialmente realizada”³ (SKAGGS, 1985, p. 53, tradução nossa). Nesse ínterim, as imagens do cenário delineiam a liberdade como símbolo de autorrealização, pois “ela estava bebendo o próprio elixir da vida através daquela janela aberta (CHOPIN, 2011, 81), sobretudo porque “é primavera e o céu está azul em “The Story of an Hour”. A vida da Sra. Mallard praticamente começou; os primeiros sinais de crescimento estão simplesmente surgindo”⁴ (KOLOSKI, 1996, p. 64, tradução nossa).

Considerando que a imagem “é um dos meios de criar uma impressão máxima” (CHKLÓVSKI, 1973, p. 43), a imagem da primavera evoca o florescer de uma nova vida para Louise, lhe despertando a esperança de viver o bastante para aproveitar os momentos de liberdade que lhe foram tolhidos pelo casamento, “enquanto se sentava para olhar a vida nascente do lado de fora da sua janela”⁵ (SEYERSTED, 1980, p. 57, tradução nossa). Nesse sentido, “a descrição do cenário, do ambiente ou da Natureza [...], segue tendência análoga à que preside a descrição da personagem” (MOISÉS, p. 61), uma vez que os verdadeiros anseios de Louise vêm à tona quando ela observa a vida para além da janela, que é representada pela ampla dimensão da paisagem que pulsa nas imagens da natureza e do espaço público.

² *“her sense of personal and spiritual freedom in a new world”.*

³ *“to settle quietly for lives only partial fulfillment”.*

⁴ *“It is springtime and the sky is blue in “The Story of an Hour”. Mrs. Mallard’s life has hardly begun; the first signs of growth are just appearing”.*

⁵ *“as she sat looking at the spring life outside her window”.*



Figurações do espaço

A representação do espaço em “The Story of an Hour” se constitui a partir de diversas ambientações que engendram significação ao enredo. A história se passa no interior da casa de Blenty e Louise Mallard e as cenas se constroem a partir das imagens do espaço privado em oposição ao espaço público. A sala figura como um espaço social, em que a heroína recebe a notícia de Josephine sobre o acidente do marido. Trata-se de um ambiente cíclico, visto que a narrativa começa e termina na sala, fazendo alusão aos valores sociais que prevalecem na história, caracterizados pelo retorno de Brently Mallard e pela visão da sociedade em relação à “alegria fulminante” (CHOPIN, 2011, p. 82) que provocou a morte da protagonista. O quarto, como um espaço de reclusão, se transforma “na nossa própria intimidade [...]. O quarto é, em profundidade, nosso quarto, o quarto está em nós (BACHELARD, 2003, p. 344), que representa, por sua vez, a imersão da heroína em sua subjetividade, que é ilustrada pelas reflexões da personagem a respeito de sua condição de viúva. A escada, como um elo entre os cômodos, “é símbolo por excelência da ascensão e da valorização (CHEVALIER; GHEERBRAND, 2020, p. 438). Isto posto, o ato de subir as escadas representa a elevação de Louise, pois

para chegar ao seu próprio quarto ela tem que ir para cima, o movimento da Sra. Mallard da sala da família, como o lugar em que prevalecem os padrões morais da comunidade, para seu próprio quarto privado, no qual o peso do comportamento público pode ser suspenso e o eu "individual" pode emergir, é sublinhado espacialmente como ascensão⁶ (FLUCK, 1982, p. 156, tradução nossa).

Nesse sentido, ao atravessar a escada, Louise eleva-se, metaforicamente, a um nível superior de autoconhecimento e de revelação sobre os valores do casamento, do amor e da liberdade, que se expressa quando ela questiona as circunstâncias em que estivera vivendo até então: “O que poderia o amor, o mistério não solucionado, valer em face desse ganho de autoafirmação que ela de repente reconheceu como o impulso mais forte do seu ser?” (CHOPIN, 2011, p. 81). Sob essa perspectiva, ela percebe que nada pode lhe proporcionar mais satisfação do que a sensação de afirmar-se como

⁶ *Because in order to get to her own room she has to go upstairs, Mrs. Mallard's movement from the family parlor, as the place in which the community's moral standards prevail, to her own private room, in which the burden of public behavior can be suspended and the "private" self can emerge, is spatially underlined as ascent.*



sujeito de sua própria vida. É através do contato com a sua interioridade que a protagonista consegue ter uma dimensão ampla a respeito do espaço doméstico, que representa, por sua vez, um lugar de confinamento e repressão de sua individualidade, sobretudo porque

as mulheres têm permanecido dentro de casa por todos esses milhões de anos, de modo que a essa altura as próprias paredes estão impregnadas por sua força criadora, que, de fato, sobrecarregou de tal maneira a capacidade dos tijolos e da argamassa que deve precisar atrelar-se a caneta e pincéis e negócios e política (WOOLF, 1983, p. 109).

Com efeito, historicamente, a ideologia patriarcal delimitou os espaços masculinos e femininos, cujo princípio fundamental estabelece, respectivamente, relações de poder e submissão. Essa forma binária, no contexto social no século XIX, determina que “à mulher se relacionariam a maternidade, a natureza, o feminino, a passividade, ou seja, o espaço privado; ao homem se imbricariam a paternidade, a cultura, o masculino, a atividade, logo, o espaço público (CAVALCANTI; FRANCISCO, 2016, p. 37). Nesse ínterim, o lugar da mulher restringe-se aos limites do lar, visto que a ideologia dominante instaura como características da feminilidade

o conjunto de atributos próprios a todas as mulheres, em função das particularidades de seus corpos e de sua capacidade procriadora; a partir daí, atribui-se às mulheres um pendor definido para ocupar um único lugar social – a família e o espaço doméstico (KEHL, 2008, p. 48).

A partir de tais premissas, a constituição da feminilidade assinala o apagamento da identidade feminina, ao passo que restringe as possibilidades de autoafirmação da mulher em razão das obrigações que o casamento lhe impõe, bem como a anulação de si mesma para dedicar-se ao marido e aos filhos. Em contrapartida, a viuvez figura como “uma condição que historicamente concede à mulher alguns direitos que, se o marido estivesse vivo, não seriam permitidos” (ROSSI, 2006, p. 14). No conto chopiniano, tal condição assegura à Louise a libertação das amarras patriarcais, pois

não haveria ninguém para viver por ela nos anos futuros; ela viveria para si mesma. Não haveria uma vontade poderosa dobrando a sua com aquela persistência cega com a qual homens e mulheres acreditam ter o direito de impor uma vontade própria sobre outrem (CHOPIN, 2011, p. 81).

Envolvida pela liberdade recém conquistada, “a Sra. Mallard descobre que nenhuma quantidade de amor e segurança pode compensar a ausência de controle



sobre a sua própria existência”⁷ (SKAGGS, 1985, p. 53, tradução nossa). Nesse sentido, a descrição do espaço se articula às transformações da personagem, sobretudo por despertar a epifania da protagonista, uma vez que é através do cenário que ela enxerga a possibilidade de escolher o seu próprio destino. Assim, o pano de fundo da narrativa se funde à interioridade da heroína, bem como, desencadeia as peripécias que perpassam a trama. Ao experimentar a sensação de não pertencer a ninguém além de si mesma, “sua imaginação corria solta por aqueles dias que teria pela frente. Dias de primavera e dias de verão e todo tipo de dias só seus” (CHOPIN, 2011, p. 82).

Além dos cenários público e privado que comportam simbolismos no enredo, a interioridade da heroína, bem como o itinerário de sua transformação, se revela como um espaço da narrativa, sobretudo pelas recorrentes descrições do narrador a respeito de sua expressividade alegre e corajosa, que nasce juntamente com a possibilidade de tornar-se livre. Desse modo,

o ambiente psicológico é demonstrado pelos sentimentos e pensamentos interiores da protagonista, que parte do sofrimento do luto à esperança do futuro que lhe aguardava e aos planos que podia, enfim, fazer para si própria (SANTOS, 2015, p. 99).

Sob esse prisma, os traços simbólicos do espaço que se constroem na ambientação do quarto e da paisagem externa figuram como uma moldura que delinea o mundo interior da personagem, visto que

a moldura é o que separa, perceptivamente, a imagem do que está fora dela. A incidência dessa função perceptiva é múltipla: a moldura-objeto, ao isolar um pedaço do campo visual, singulariza-lhe a percepção, torna-a mais nítida; desempenha além disso papel de transição visual entre o interior e o exterior da imagem, de intermediário que permite passar não muito bruscamente do que está dentro para o que está fora (AUMONT, 2002, p. 146).

Assim, é através da janela, como símbolo de receptividade (Cf. CHEVALIER; GHEERBRANT, 2020, p. 511), que Louise recebe de braços abertos as novas possibilidades de autorrealização que se apresentam para ela. Ao visualizar o horizonte para além da janela, a heroína “enxergou, [...], uma longa sequência de anos por vir que pertenceriam por completo a ela. Então, abriu e estendeu os braços bem abertos e deu as boas-vindas a todos os anos futuros” (CHOPIN, 2011, p. 81).

⁷ “Mrs. Mallard discovers that no amount of love and security can compensate for a lack of control over her own existence”.



É interessante observar que é somente na condição de viúva “que ela começa a pensar, a partir desse instante em que ela renasce”⁸ (PAPKE, 1996, p. 133, tradução nossa), como a metáfora da primavera como símbolo de renascimento, que perpassa as aspirações de liberdade e transformação da protagonista. Além disso, a partir de seu reconhecimento como uma mulher livre, seu nome de solteira aparece na história e ela passa a ser chamada por Louise pela irmã, evidenciando, por sua vez, que

com isso Chopin atenta para um fato importante a respeito do título de “esposa”: quando Louise casou-se com Brently, ela tornou-se a Sra. Mallard, perdendo sua identidade pessoal e assumindo outra diferente. Embora tal fato pareça natural, a reflexão séria a respeito disso revela que ela tornou-se propriedade do marido, entregando a ele uma parte, se não todo seu ser (WISNIEWSKI, 2012, p. 274, grifos da autora).

Contudo, a cena trágica do desfecho, em que a heroína se depara com a imagem do marido abrindo a porta da sala, rompe completamente com as expectativas que surgiram com a suposta viuvez, uma vez que, nos termos de Jacques Aumont “a imagem representativa atua no duplo registro (na ‘dupla realidade’) de uma presença e de uma ausência” (AUMONT, 2002, p. 120, grifos do autor), ou seja, na reversão do percurso de transformação da heroína que decorre da efêmera ausência do marido, revelando-se, por sua vez, como uma presença figurativizada do casamento, que rompe com seus anseios de liberdade. Dessa forma, ao descer as escadas em direção à sala,

ela realiza o movimento inverso ao anterior, voltando, mesmo que inconscientemente, ao espaço representado pelas suas velhas limitações, já que o ato de descer remete à irracionalidade, à obscuridade, ao medo e à própria morte (SILVESTRE, 2007, p. 105).

A cena em questão é permeada pelo tom irônico do narrador e pelo jogo semântico que se estabelece com a palavra “coração”, uma vez que o valor simbólico do termo está associado tanto aos sentimentos, como também denota a fragilidade da saúde da personagem. Já a ironia na descrição do desenlace revela que somente o leitor e o narrador sabem o real motivo da morte da Sra. Mallard, que contradiz o pensamento da sociedade a respeito da forte emoção que o retorno do marido lhe causa a ponto de lhe ceifar a vida, visto que

⁸ “*that she begins to think, the point at which she is reborn*”.



nós leitores sabemos — tivemos acesso ao não-dito do pensamento da personagem — que Louise Mallard morrera de desgosto por ter visto na vida do marido a impossibilidade de se tornar independente, de se tornar verdadeiramente um ser livre. A revelação que tivera em seu quarto demonstra-se impraticável enquanto Mr. Mallard estiver vivo. O despertar do seu *eu* feminino, que é também um despertar para a vida, torna-se então a causa de sua morte (ROSSI, 2007, p. 4, grifos do autor).

Nesse sentido, a ambiguidade da frase que conclui a narrativa evidencia o viés crítico de Kate Chopin sobre as imposições do casamento e a condição de submissão feminina na estrutura patriarcal, uma vez que Louise

não se encaixa naquele modelo de mulher desejado pela sociedade da qual faz parte e com isso não consegue suportar a volta do marido e morre, apesar de as demais personagens da trama terem atribuído a morte à euforia do momento. Trata-se da ironia cósmica, que transforma a alegria e a esperança da protagonista em decepção, tristeza e desconsolo e que pode ser vista como uma visão fatalista da autora em relação à condição feminina, ao se deparar com a total impotência do ser humano diante de seu destino (SILVESTRE, 2007, p. 108).

Diferentemente da morte trágica das heroínas na tradição literária patriarcal, que ocorre como consequência da transgressão das personagens femininas que desarticulam as estruturas sociais, a morte de Louise Mallard simboliza a recusa na aceitação de uma existência limitada aos papéis sociais de mãe e esposa. Ao experimentar a plenitude de sentir-se livre, o retorno do marido e, por sua vez, o retorno ao espaço restrito do lar, se mostram extremamente sufocantes para suas novas aspirações de liberdade.

Considerações finais

A partir das análises da dimensão espacial de “The Story of an Hour”, buscamos evidenciar como a construção imagética do cenário impulsiona a epifania da protagonista e se articula às peripécias da narrativa, como uma estratégia de crítica social em relação à condição feminina na cultura do século XIX, mostrando, sobretudo, como as convenções sociais aprisionam a expressividade e individualidade da mulher. Como uma das histórias mais populares e intrigantes da ficção chopiniana, o conto foi rejeitado por inúmeras revistas, por ser considerado antiético e imoral pelos editores. No entanto, a resistência da autora em levá-lo a público evidencia a sua coragem em questionar a ideologia dominante e retratar temas transgressores para a época.



Em 1894, o ano em que escreveu o conto em questão, Chopin registrou em um de seus diários que havia percebido sua evolução como escritora de histórias. Com efeito, a persistência na publicação dessa e de outras obras igualmente subversivas resultou em seu reconhecimento como uma exímia contista, consagrou-a como uma escritora a frente de seu tempo e lhe permitiu ocupar um lugar de destaque no panteão das grandes autoras americanas.



Referências

- ARISTÓTELES. HORÁCIO. LONGINO. **A poética clássica**. Trad. Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 1990.
- AUMONT, Jacques. **A imagem**. Trad. Estela dos Santos Abreu e Cláudio C. Santoro. 7. ed. Campinas: Papyrus, 2002.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- CAVALCANTI, Rosália Andrade; FRANCISCO, Ana Lúcia. Virginia Woolf e as mulheres. **Revista Gênero**, v. 17, n. 1, 2016. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/31254>. Acesso em 29 nov. 2020.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Trad. Vera da Costa e Silva. 34^o ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2020.
- CHKLOVSKI, Victor. **A arte como procedimento**. Teoria da literatura: formalistas russos. Porto Alegre: Globo (1973): 39-56.
- CHOPIN, Kate. **A história de uma hora**. Trad. Adriana Ruggeri Quinelo. In BROSE, Elizabeth R.Z; CARDOSO, Betina Mariante; VIÉGAS-FARIA, Beatriz (orgs). Kate Chopin: contos traduzidos e comentados – estudos literários e humanidades médicas. Porto Alegre: Casa Editorial Luminara, 2011.
- CHOPIN, Kate. **A Vocation and a Voice**. Ed. Emily Toth. London; New York: Penguin Books, 1991(Penguin Classics).
- CHOPIN, Kate. The Story of an Hour. In: SEYERSTED, Per (ed.). **The Complete Works of Kate Chopin**. Baton Rouge (LA): Louisiana State University Press, 2006 (Southern Literary Studies), p. 352 – 354.
- CORTÁZAR, Julio. **Alguns aspectos do conto**. Do conto breve e seus arredores. Valise de cronópio. São Paulo: Perspectiva, 1993.
- FLUCK, Winfried. **Tentative Transgressions: Kate Chopin's Fiction as a Mode of Symbolic Action**. Studies in American Fiction, v.10, n. 2, p. 151 – 171, Autumn 1982.
- GOTLIB, Nádia Battella. **Teoria do conto**. 11. ed. São Paulo, SP: Ática, 2006.
- JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Trad: José Eduardo Rodil, Lisboa, Edições 70, 2007
- KEHL, Maria Rita. **Deslocamentos do feminino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 2008.



KOLOSKI, Bernard. **Kate Chopin: A Study of the Short Fiction**. New York: Twayne Publishers, 1996 (Twayne’s Studies in Short Fiction Series, 65).

MOISÉS, Massaud. **A criação literária**. São Paulo: Editora Cultrix, 1983.

MOSCOVICH, Cíntia. Os transcendentos significados da contística de Kate Chopin. In BROSE, Elizabeth R.Z; CARDOSO, Betina Mariante; VIÉGAS-FARIA, Beatriz (orgs). **Kate Chopin: contos traduzidos e comentados – estudos literários e humanidades médicas**. Porto Alegre: Casa Editorial Luminara, 2011.

NOGUEIRA GALVÃO, Walnice. **Cinco teses sobre o conto**. São Paulo: LR Editores Ltda., 1982.

PAPKE, Mary E. Mary E. Papke on “The Story of an Hour”. In: KOLOSKI, Bernard. **Kate Chopin: A Study of the Short Fiction**. New York: Twayne Publishers, 1996 (Twayne’s Studies in Short Fiction Series, 65).

POE, Edgar Allan. **A filosofia da composição**. In: _____. Ficção completa, poesia & ensaios. Trad. Oscar Mendes. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2001, p. 911 – 920.

ROSSI, Aparecido. **A desarticulação do universo patriarcal em The Awakening, de Kate Chopin**. 2006. 195f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários). Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara (FCL-Ar), Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Araraquara, SP.

ROSSI, Aparecido. **Uma morte irônica: “The Story of an Hour, de Kate Chopin.”** In: Anais do XII Seminário Nacional e III Seminário Internacional Mulher e Literatura: Gênero, Identidade e Hibridismo Cultural. Universidade Estadual de Santa Cruz: Ilhéus/Bahia, 2007. Disponível em: <http://www.uesc.br/seminariomulher/anais/PDF/APARECIDO%20DONIZETE>. Acesso em: 22 set. 2020.

SANTOS, Francisco Ronaldo da Silva. **Morte e transformação: a expressão do duplo em protagonistas femininas em contos brasileiros e estadunidenses**. 2015. Tese de Doutorado. Universidade do estado do Rio Grande do Norte. Disponível em: http://www.uern.br/controldepaginas/defesas2015ppgl/arquivos/3856dissertacao_de_francisco_ronaldo_da_silva_santos.pdf. Acesso em 12 dez. 2020.

SEYERSTED, Per. (ed.). **The Complete Works of Kate Chopin**. Baton Rouge (LA): Louisiana State University Press, 1988 (Southern Literary Studies).

SEYERSTED, Per. **Kate Chopin. A Critical Biography**. Baton Rouge (LA): Louisiana State University Press, 1980.

SILVESTRE, Marcela Aparecida Cucci. **Processos de construção e representação da identidade feminina em contos de Kate Chopin**. 2007. 261 f. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara (FCL-Ar), Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Araraquara, SP.



SKAGGS, Peggy. **Kate Chopin**. Boston, MA: Twayne Publishers; G. K. Hall & Company, 1985 (Twayne's United States Authors Series, 485).

THEOBALD, Pedro. Uma hora de liberdade. In: VIÉGAS-FARIA, Beatriz; CARDOSO, Betina Mariante; BROSE, Elizabeth Robin Zenkner (org.). **Kate Chopin: contos traduzidos e comentados – estudos literários e humanidades médicas**. Porto Alegre (RS): Luminara, 2011.

VIÉGAS-FARIA, Beatriz; CARDOSO, Betina Mariante; BROSE, Elizabeth Robin Zenkner (org.). **Kate Chopin: contos traduzidos e comentados – estudos literários e humanidades médicas**. Porto Alegre (RS): Luminara, 2011.

WISNIEWSKI, Rudião Rafael. **Kate Chopin e a libertação feminina**. Pontos de Interrogação—Revista de Crítica Cultural, v. 2, n. 1, p. 266-283, 2012.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. Trad. Vera Ribeiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

Recebido em 10 de março de 2021.

Aprovado em 24 de julho de 2021.

